



A PEDAGOGIA SOCIAL: EDUCAÇÃO PERMANENTE QUE ACOLHE SABERES E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS.

Sandra Butschkau Lourenço¹

RESUMO

O presente artigo traz reflexões da experiência vivenciada em espaço sociopedagógico, denominado Espaço Verde-Horta², em escola Municipal da cidade de Niterói, RJ. Discutimos principalmente a respeito de conceitos da pedagogia social, como Acolhimento, a Identidade e o Pertencimento, trata-se de acolher os sujeitos com suas memórias e contextos, em suas relações sociais cotidianas, atreladas a cultura, que venha proporcionar comprometimento e responsabilidade dos sujeitos diante dos desafios da educação e da vida em sociedade. Perspectivas que convergem em busca de uma educação do futuro, voltada para o século XXI, que possa dar sentido à plena cidadania aos sujeitos, do nosso olhar. No entanto, acreditamos que uma educação cidadã requer um olhar especial para educação ambiental e para tal trazemos a concepção dialética da educação vista em Pierre Furter, com aprofundamento da experiência e amplitude global, bem como uma educação sobre o sentido de ser, e a incompletude dita por Freire, que desta maneira nos faça refletir de como estar no mundo E ainda a dimensão do cuidado, vista em Araujo, que é a de manter vivos os seres humanos no planeta, em conversa com Boff. A troca entre os atores da escola e a participação ativa neste espaço é a educação permanente de Furter. A fim de envolver a comunidade fizemos rodas de conversa, oficinas, aulas “in loco”, visitas externas e material cinematográfico, como animações e vídeos sobre sustentabilidade. Acreditamos que a pesquisa participante e a sociologia compreensiva possam nos aproximar do

¹ Administradora- Pedagoga, Pesquisadora Grupo PIPAS-UFF, <http://orcid.org/0009-0002-4100-4705/> email: butschkausandra@gmail.com

² Projeto Plante o Verde – Coletivo de Educadores da Escola Municipal Alberto Francisco Torres, Niterói, RJ.



sentido da vida e ainda a vitalidade comunitária vista no Índice FIB, e também na matriz de necessidades de Max-Neef.

PALAVRAS CHAVES:

Cultura, saberes, educação permanente; cidadania, educação ambiental.

Referencial Teórico:

Ao me aprofundar na vida acadêmica, me deparei com a Pedagogia Social que invadiu mente e coração. Logo de início um texto de Leo Buscaglia “não precisamos ter medo de tocar, de sentir, e de encontrar emoções [...] A coisa mais fácil do mundo é ser como você é, como você sente” (BUSCAGLIA, 2022, pg.34). Encontro que me fez reviver a experiência nos quintais da minha infância, onde podia plantar e colher em um terreno vago ao lado da minha casa. Assim, ao frequentar as escolas da cidade a falta deste verde era uma preocupação inquietante, a degradação do meio ambiente, eu me perguntava em qual momento este assunto seria abordado, com a devida importância, no entanto a percepção é que o assunto não era abordado de maneira necessária ao cuidado com meio ambiente, além do distanciamento dos sujeitos da natureza. Porém salientamos a relevância do conhecimento construído de maneira histórica, social e coletiva, através da ação dos homens junto à natureza, por diferentes leituras, dito por (ARAÚJO, 2015:48), portanto em um eterno devir, bem como a noção de comunidade de destino” dita por (MORIN apud ARAÚJO, 2015:8) e ainda como em (BOFF, apud ARAÚJO, 2015) no qual destaca a “importância da humanidade em ir além da noção biológica, a caminho da sua inclusão indissociável na biosfera”.

Então, algo deveria ser feito, porém a escola tinha pouco espaço de terra, fomos incentivados a criar um Espaço Verde-Horta. De início, em 2015 foi para sensibilizar a comunidade, fizemos muitas reuniões com professores, funcionários e possíveis financiadores. Para suscitar reflexões apresentamos aos educandos vídeos relacionados à educação ambiental, animações e palestras a respeito de valores imbuídos no tema.

No entanto, em 2019 identificamos que os preceitos da Pedagogia Social estavam diretamente ligados ao projeto, como: o Acolhimento, a Identidade e o Pertencimento e convergiam em busca de uma



educação do futuro para o século XXI, e poderia abarcar a pluralidade de culturas presentes na escola, desta maneira proporcionar estes preceitos da pedagogia social, na construção dos sujeitos e de uma sociedade sustentável, “portanto de uma escola que faça sentido, com vivências e experiências. E ainda a respeito do diálogo dito por (FREIRE, 2013) "diálogo não pode consistir em palavras vazias; pelo contrário, numa sociedade democrática e participativa, dito por Furter no livro Educação como Prático de Liberdade, na Apresentação – O Poder da Palavra, estas se tornam geradoras, isto é, instrumentos de uma transformação global do homem e da sociedade". (FREIRE, 1967).

Quando Freire nos fala sobre aprender a dizer a palavra, vai além do fonema, pois proporciona um diálogo existencial, que feito em colaboração leva ao diálogo autêntico, em direção ao reconhecimento de si e do outro (FREIRE, 2013: 28-29). Portanto, esta educação com vistas a reafirmar saberes tradicionais, e advindos da comunidade escolar, traz um dialogo e uma identidade, e seguimos parafraseando Furter, da importância dos espaços de educação permanente, de um diálogo pratico entre a realidade histórica e uma possível utopia e possibilidade de transformação das condições de vida, de desenvolvimento comunitário e identitário".

Desta maneira, em vista da realidade do cenário ambiental atual “se são os homens produtores da realidade oprimidos que estão por injustiças climáticas”. “Cabe a eles, homens transformá-las” (FREIRE, 2013: 51) e, qual seu papel nas urgentes questões ambientais.

Acreditamos que esta visão de (FURTER, 1970: 5) conversa a educação ambiental nos dias atuais, pois, se trata de “uma educação para nosso tempo”, e ele vai mais além de que esta se processa por uma série ininterrupta de mudanças profundas, que obrigam o homem a se educar continuamente.”. E mais que:

"A Educação Permanente é uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência em que esteja vivendo". (FURTER, 1970:136-137)



E assim como seres inconclusos em busca do Ser Mais. (FREIRE, 2013:46) despertar o interesse destes sujeitos que tem nos saberes ancestrais, uma diversidade de conhecimentos enriquecendo o aprendizado na vida cotidiana destes sujeitos. No entanto, para que uma mudança nos sujeitos possa vir a ser significativa devemos como Furter no relatório a Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural, elaborado por Aníbal Bruiton e Pierre Furter, resultante de seminário realizado na Venezuela em 1968, no qual: uma ‘política cultural que considera o conjunto das populações como agentes, autores e criadores responsáveis do desenvolvimento’ (FURTER, 1974: 152-153). Ao enfatizar a educação permanente, esta deve contemplar um olhar para o outro, principalmente no que tange sobre a cultura e a pluralidade de modos de vida, educação esta, que vai além dos muros da escola, e ao trazer modos de ser ancestrais e familiares para um aprendizado integrado dos sujeitos e sua cultura, e despertar a curiosidade de educandos quanto educadores. E assim, esta educação continuada pode aproximar ser humana-natureza a fim de refletir sobre as relações ambientais de maneira a levar em conta saberes tradicionais, em convergência com a escuta da pedagogia social dos sujeitos envolvidos e seus modos e ser, proporciona encontros de relações sustentáveis, e de identifica possíveis caminhos para lidar com a emergência climática e vulnerabilidades ambientais no atual contexto planetário. Nesse sentido, destaco em (THOMPSON, 1981: 189) de que “as pessoas não experimentam a própria experiência apenas como ideia [...] a experimentam também como pensamento e lidam com ela por meio da cultura”. No entanto vimos que muitos estão relegados a sub-culturas “que apesar de generosa a cultura tecida pelos dominantes é fechada, e como educador com a vocação humanista, da pedagogia social buscamos novas técnicas pedagógicas, por meio do processo histórico e de criação e recriação baseadas nestas subculturas”, aqui destacamos culturas tradicionais, podem o superar a desumanização e a massificação cultural “pois não está dado o destino de Ser Menos”, e desta maneira com o conhecimento de si, libertar-se da cultura dominante (FREIRE, 2013:41;44). Por isso é relevante enfatizar uma “outra” epistemologia na construção de “outros” saberes, pois no mundo temos uma visão monocultural do mundo, e a luta por justiça ambiental global é uma luta por justiça cognitiva, ou seja de aprendizados sobre os saberes do sul global (SANTOS, 2010).



Trazemos a baila o conceito de "Educogenia" (palavra portuguesa que identifica o potencial educativo do meio ambiente) no qual enfatiza o uso dos "recursos educativos e as potencialidades da comunidade para poder combinar os recursos escolares com os recursos interpessoais e os de natureza cultural e comunitária".

E ainda, a singularidade do saber da sua importância na comunidade em que está inserido. Por isso, a importância de propiciar discussões e práticas sobre as relações sócio ambientais podem nos trazer relações sociopedagógicas, tanto no sentido epistemológico dos conceitos culturais não hegemônicos, quanto no domínio sociopolítico a promover a participação e construção de projetos que possam superar ou mitigar situações de vulnerabilidade climática ambientais. Desta forma, fomentar a cidadania planetária e comprometimento com os demais sujeitos, pois segundo (BAKHTIN, 2010) “cada sujeito ocupa um lugar [...] insubstituível no mundo e, por isso, na perspectiva dele, o sujeito deve ser responsável por seus atos e ter obrigação ética com relação ao outro”.

Metodologia

Destacamos que a pesquisa acontece inicialmente da observação participante porque aproxima o pesquisador da realidade, e estabelece interação com os atores da pesquisa. Porém ao desenvolver as interações buscamos a sociologia compreensiva, tendo como objetivo refletir sobre um sentido da vida social, para compreender relações, valores, atitudes, crenças e hábitos em relação a nossa estratégia, a de saber da cultura dos envolvidos na pesquisa (MINAYO, 2009: 24). E dessa maneira envolver a comunidade escolar em oficinas, rodas de conversa, passeios e materiais cinematográficos relacionados ao meio ambiente.

No entanto para ir de encontro às expectativas do cenário pesquisado, nos pautamos e certos parâmetros de abordagem vistas na matriz de necessidades de (MAX-NEEF, 198), na qual por meio de abordagem do bem estar comunitário, é um modo de entender as relações humanas, vistos assim: Em relação a SER, a percepção de pertencimento, entusiasmo e imaginação; em relação a TER e FAZER, costumes, símbolos, valores e memória coletiva; percepções que tragam maior comprometimento com a comunidade. Esta abordagem também conversa com o Índice FIB (Felicidade Interna Bruta) conceito preconizado por Amartya Sen, e desenvolvido no país Butão, o



qual tem como finalidade a vitalidade comunitária, a coletividade, a cultura e a compaixão, conceitos estes que facilitam o encontro de saberes, a sustentabilidade e o cuidado.

Objetivos

Além dos preceitos acima mencionados buscamos suscitar memórias e saberes, de conhecimentos advindos da experiência dos sujeitos entre gerações, bem como aproximar sujeitos e natureza. Discutir e refletir sobre prática de consumo, bem estar e qualidade de vida, propiciar discussões críticas de forma local e global a respeito das ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) ao abarcar conhecimentos de vivências e saberes locais. Nesta ótica discutir a agenda 2030, dos objetivos do desenvolvimento sustentável, no que tange a dois indicadores que mais conversam com nosso tema: O Indicador 4 - assegurar a educação inclusiva, neste quesito aproximar inclusão dos diversos atores sociais da comunidade escolar em Educação de qualidade; e oportunidade de aprendizado ao longo da vida, pois ao proporcionar troca de saberes é de certo modo geracional; Indicador 12 - Objetivo 12 - Consumo e Produção Responsáveis, a fim de assegurar padrões de produção e de consumo responsáveis, principalmente no que tange ao questionamento de que para quem produzimos. No sub-objetivos -12.8, tem o aprofundamento para garantir até 2030, “garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza”, e mais:

“12.8.1 - Grau em que a (i) a educação para a cidadania global e (ii) a educação para o desenvolvimento sustentável são integradas nas (a) políticas nacionais de educação; (b) currículos escolares; (c) formação de professores; e (d) avaliação de estudantes e assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis”. (BRASIL, 2024)

Abordagens estas que devem ser esmiuçadas e inseridas de forma a atender as demandas locais da comunidade, e para facilitar este encontro fazer uso da matriz das necessidades.



Considerações parciais da prática sociopedagógica

Nossa prática na comunidade escolar e no Espaço Verde foi de início uma questão ligada ao currículo principalmente em relação ao estudo solo, animais do subsolo, tipos de plantas e práticas de plantar, bem como a experimentação de verduras ou raízes retiradas da horta. Conjuntamente a estas práticas vários encontros foram realizados para incentivar valores relacionados à educação ambiental, e discussões sobre história da agricultura no Brasil.

Porém buscava ter uma atuação mais consciente a respeito de práticas sustentáveis, e ao relacionar com a pedagogia social anunciar outras demandas e formas de abordar o assunto no Espaço Verde, e desta forma ter mais interação com a comunidade a respeito de saberes, a fim de trazer sentido à educação realizada no espaço. Então convidamos pais, funcionários, que já atuam intensamente no espaço para compartilhar conhecimento por meio de conversas e encontros feitos na sala de aula e também “in loco” no Espaço Verde-Horta. Destacamos o acolhimento e o cuidado com que a comunidade acadêmica tratou o espaço, realizado na limpeza, plantação de mudas e cada vez mais experimentando lidar com a terra, seus cheiros e sabores. Em nossas interações a voz de educandos e educadores foi uma reflexão crítica a respeito de qual nosso papel na relação com meio ambiente, e a necessidade do espaço. Aos poucos turmas diversas também realizaram trabalho de artes, aproveitando do “lixo” do local. Dentre as questões abordadas o conceito de educação permanente e a educogenia, identificadas na fala de Furter trouxeram aspectos essenciais, discussões sobre o desafio sustentável a ser enfrentado, principalmente da localização da sua comunidade com seus problemas de limpeza, falta de verde, bem como da infraestrutura da comunidade. Em referência a ODS:11, que trata de cidades e comunidades sustentáveis No entendimento de que a educação ambiental é contínua, e ao dar voz a saberes da cultura local e regional, que possam de maneira sustentável dar novas possibilidades ao enfrentamento.

Já a educogenia por enfatizar as relações interpessoais, e potencializar possibilidades proporciona o uso saberes “outros”, de natureza comunitária. A partir destes pressupostos tivemos encontros de pequenos grupos das turmas, pais e avós; e ainda visitas externas agendadas como alunos do o curso



de Medicina da UFF (1º semestre/2023 e 2º semestre/2023), estes inicialmente com olhar do cuidado, viram novas perspectivas no modo de lidar com a natureza. Em uma de nossas conversas percebemos o quanto de pomar, jardins, perfumes, e diversos chás fazem parte das lembranças destes a educandos, hoje universitários. Neste ponto vimos à importância da integração escola-universidade. Acreditamos que nestes encontros além de uma educação permanente na troca de saberes, pudemos ter interações geracionais, quanto tradicionais, por parte da participação de familiares e também membros do turno da noite, modalidade EJA, estes serão objeto de nossas próximas intervenções. Acreditamos ter obtido ter êxito em instigar a participação e a construção de projetos para superar a emergência climática e fomentar a conscientização do papel dos sujeitos e a cidadania planetária.

Já que ficou para os próximos meses a instalação do Teto Verde, em uma das casas da comunidade, por um de nossos parceiros, a fim de para mitigar o calor. Trata-se plantar na laje de um local, plantas que suportam calor, com apropriadas instalações.

Ressaltamos ainda que foram múltiplas discussões sobre cultura, valores e de como quais modos de produção de organiza. Por isso, queremos seguir em problematizar questões que tangenciam a pedagogia social: Para quem produzimos? Por que produzimos?

Ao anunciar com estas perguntas, pensamos em uma educação permanente? Pois ao refletir sobre as questões acima, proporciona a busca de soluções acerca de seu ambiente, construindo-o coletivamente através do tempo. Este é o caminho a percorrer o “Ser de existir o que significa vida, e assim agir e enunciar novas maneiras de Estar no Mundo. Podemos destacar ainda em Boff (1999), o fato de a educação ambiental começar na escola é um passo muito importante nesse processo de transformação e resgate de valores como os do cuidado e do zelo com o meio ambiente em seu sentido mais amplo possível.

No entanto, como todo trabalho temos nossas interferências nos proporcionando ainda mais reflexões a respeito da interação meio ambiente, uma delas a falta de recurso para insumos, a interferência de atores da escola em nossos canteiros, de forma a alterar plantio, solo e causando degradação deste. Práticas nos sentido de impedir que alguns membros da comunidade se aproximem do local, especificando horários fixos. Porém nosso entendimento foi o de usar tais abordagens para discutir



sobre modo de vida, que leve em conta a agricultura familiar; tipos de intervenções humanas na terra e também discussões para enfatizar que a escola é da comunidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. Martins. Pedagogia Social Diálogos com Crianças Trabalhadoras. Vol. 8, 1 ed. São Paulo: Expressão e Arte Coleção Pedagogia Social.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra. 6 edição, Petrópolis: Vozes.

BRAIT, B. (org.) Bakhtin. Dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp.

BUSCAGLIA, L. O Amor – Vivendo, Amando e Aprendendo, Editora Nova Era.

FAVERO, O. Educação Permanente segundo Pierre Furter, novembro, Rio de Janeiro.

FREIRE, P. Educação como prática de Liberdade, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

FURTER, P. Educação e vida. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes.

LEFF. Enrique. As universidades e a formação ambiental. Rev. Ciênc. Hum, v. 14. n. 20.

LEFF. Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes.



MAX-NEEF, M. A. Desarrollo a Escala Humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones, Montevideo, Icaria, acesso em: 17/02/2024.

MINAYO, M.C. O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde, 7º edição, São Paulo, Hucitec.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL, ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez.

SANTOS, M. A. GUIMARÃES, J. F. S. Diálogo entre teoria e evidencia: Como fazer um trabalho Histórico; ANAIS ANPUH.ORG, 2014. <http://encontro2014.anpuh.org.B>

SANTOS, V. P. Desenvolvimento a Escala Humana: uma análise em São Tomé das Letras, Lavras, MG, 2011. acesso em 25/01/2024.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar.